DO SAGRADO AO PROFANO: A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO NA CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DO CORPO OCIDENTAL NO SÉCULO V

Leonardo Gonçalves de Oliveira (PIC/UEM), Manuela Prata Zanoni (PIC/UEM), Meire Aparecida Lóde-Nunes (co-orientadora), Vânia de Fátima Matias (OrientadorA). E-mail: ra126375@uem.br/ra128128@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências da Saúde/ Educação Física

Palavras-chave: Corpo; Representação; Cultura.

RESUMO

A pesquisa realizada objetivou analisar as influências do pensamento cristão na representação simbólica do corpo ocidental no século V, tomando como referência a obra *Confissões*, de Santo Agostinho, e estabelecendo um diálogo com a perspectiva antropológica desenvolvida por José Carlos Rodrigues em *Tabu do corpo*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise das obras selecionadas. Parte-se da compreensão de que as representações sobre o corpo não se constituem exclusivamente a partir de sua dimensão biológica, mas são produzidas historicamente mediante valores, crenças, normas e sistemas simbólicos. A análise da obra *Confissões* evidencia que, no pensamento agostiniano, o corpo encontra-se profundamente relacionado à interioridade, à memória, ao desejo, à vontade e à experiência moral, assumindo especial relevância na compreensão do sujeito e de sua relação com a espiritualidade cristã. Nesse contexto, o corpo é atravessado por tensões entre desejo e vontade, matéria e espírito, prazer e disciplina, contribuindo para a constituição de determinadas formas de representação da corporeidade no Ocidente cristão. Em diálogo com Rodrigues, compreende-se que tais representações participam da construção social e cultural dos significados atribuídos ao corpo, estabelecendo distinções, interdições e formas de controle. Os resultados apontam que o pensamento cristão agostiniano constituiu importante referência para a elaboração de sentidos simbólicos sobre o corpo ocidental, cujos efeitos ultrapassam o período histórico analisado e repercutiram na constituição de concepções posteriores acerca da corporeidade.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca do corpo sagrado e do corpo profano ao longo da história tem se configurado como a representação social dos anseios, desejos e perspectiva de civilidade, controle e opressão do homem por/pela representação simbólica do corpo social. Nesse compasso, tratar do corpo como representação social, significa ressignificar os conceitos trazendo à cena a tensionalidade entre o

social e o cultural. Significa romper com a racionalidade advinda puramente da lógica biológica ou natural, e adentrar as discussões permeadas pelas construções culturais, simbólicas e históricas. O corpo é ao mesmo tempo sujeito e objeto da experiência social, funcionando como suporte de identidades, condutas, valores e exclusões. Como demonstra Rodrigues, em Tabu do Corpo (2006), o corpo é estruturado e interpretado socialmente por meio de sistemas de significação e simbologias que os classificam, hierarquizam e normatizam, de acordo com as convenções de uma determinada sociedade.

Como argumenta Rodrigues (2006), o tabu opera como uma linguagem que define o que pode e o que não pode ser dito, mostrado ou compartilhado socialmente, aquilo que deve ser protegido ou até mesmo isolado. Além disso, o cristianismo utilizou a linguagem do corpo como instrumento de espiritualização. A abordagem simbólica proposta por Rodrigues (2006) permite compreender o corpo como campo privilegiado de expressão dos valores religiosos e sociais. Seus produtos, seus gestos, seus fluidos e suas exposições são carregados de significados que revelam muito mais do que aparentam. Investigar a influência do cristianismo sobre o corpo é, portanto, investigar como o sagrado moldou o cotidiano, a moralidade e a estrutura simbólica das sociedades ocidentais. Frente ao exposto, surge a seguinte questão problema: Como o cristianismo influenciou a construção simbólica do corpo?

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo adota a abordagem qualitativa (Minayo e Guerriero, 2014), na qual considera as dimensões subjetivas, políticas e institucionais na produção de sentidos sobre a construção e representação do corpo e da corporeidade considerando as marcas identitárias da produção das obras Tabu do Corpo, de José Carlos Rodrigues (2006), além de buscas nas bases de dados online. Consecutivamente, o segundo momento analisa bibliograficamente a obra Confissões de Santo Agostinho. As análises foram realizadas a partir da perspectiva historiográfica considerando a categorização temática dos termos: corpo, cultura e história. O tratamento dos dados seguiu os pressupostos da análise de conteúdo (Minayo e Guerriero, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão do corpo constitui uma problemática recorrente na história do pensamento ocidental, assumindo diferentes significados de acordo com os contextos históricos, filosóficos e culturais. Nessa direção, as *Confissões*, de Santo Agostinho, apresentam uma reflexão profundamente marcada pela relação entre corpo, desejo, memória, vontade e interioridade. Séculos posteriormente, José Carlos Rodrigues, em *Tabu do corpo*, desloca a discussão para o campo antropológico, analisando o corpo como construção simbólica e cultural. Embora as

duas obras pertençam a contextos históricos e matrizes teóricas distintas, é possível estabelecer entre elas um diálogo a partir da compreensão de que o corpo humano ultrapassa sua dimensão exclusivamente orgânica.

Nas *Confissões*, Agostinho constrói uma narrativa autobiográfica que se converte em investigação sobre a própria existência. O corpo aparece associado às experiências do desejo, das paixões e da vontade, mas também à possibilidade de transformação do sujeito. No Livro VIII, ao narrar o momento decisivo de sua conversão, Agostinho descreve o conflito entre aquilo que reconhece como verdadeiro e a dificuldade de submeter sua vontade: “as duas vontades, um carnal e outra espiritual, lutavam entre si” (Agostinho, 1996, 67). A passagem evidencia que a experiência corporal, em sua perspectiva, não pode ser dissociada da interioridade, pois o conflito vivido pelo sujeito envolve simultaneamente desejo, vontade, consciência e ação.

Essa dimensão da experiência corporal aproxima-se, ainda que por uma via distinta, da problemática desenvolvida por Rodrigues (2006). Em *Tabu do corpo*, o autor questiona a redução do corpo à sua condição biológica e demonstra que as sociedades produzem sistemas simbólicos responsáveis por atribuir significados à corporeidade. A própria estrutura da obra organiza-se a partir da relação entre natureza e cultura, desdobrando-se em oposições como sagrado/profano, próximo/distante, desvio/norma e consciente/inconsciente.

Nesse sentido, Rodrigues afirma que “o corpo é sempre um objeto de significação” (Rodrigues, 2006, 98). A afirmação permite compreender que a materialidade corporal não determina, por si mesma, os significados que os sujeitos atribuem ao corpo. Esses significados são produzidos socialmente e incorporados mediante processos de aprendizagem e socialização. O corpo torna-se, assim, lugar privilegiado de manifestação da cultura, uma vez que nele se inscrevem normas, valores, classificações e formas de controle social. A obra caracteriza-se justamente por analisar o corpo como sistema simbólico e como via de interpretação da própria sociedade.

Em Agostinho, o corpo e os desejos corporais aparecem inseridos em uma problemática moral e espiritual. O autor não condena simplesmente a existência do desejo, mas problematiza a relação entre desejo, vontade e ordenamento da vida. No Livro X, ao discutir as tentações relacionadas aos sentidos, afirma: “os olhos amam as coisas belas” (Agostinho, 1996, 93). O corpo sensível, portanto, participa da experiência humana e da relação do sujeito com o mundo, sendo também objeto de vigilância e reflexão interior. Em Rodrigues (2006), o controle do corpo não é analisado prioritariamente como problema moral individual, mas como fenômeno cultural. As sociedades estabelecem classificações sobre aquilo que pode ou não ser feito com o corpo, sobre o que deve ser exposto ou ocultado, sobre o que é considerado limpo ou impuro, aceitável ou repulsivo. Nesse sentido, o tabu constitui um mecanismo simbólico de ordenação da experiência corporal.

A partir de Rodrigues (2006), essa discussão pode ser deslocada da dimensão individual para a dimensão cultural. Os modos pelos quais os sujeitos percebem e experimentam seus corpos são aprendidos no interior de determinados sistemas sociais. Gestos, hábitos, práticas de higiene, formas de apresentação corporal, expressões emocionais e maneiras de relacionar-se com o próprio corpo não são simplesmente naturais; são experiências mediadas pela cultura. Assim, enquanto Agostinho permite observar a memória corporal na constituição da interioridade, Rodrigues possibilita compreender a produção cultural dos significados atribuídos à experiência corporal.

CONCLUSÕES

A aproximação entre as duas obras, portanto, não significa afirmar uma equivalência teórica entre Agostinho e Rodrigues. Ao contrário, suas diferenças são fundamentais para a análise. Agostinho investiga o corpo a partir de uma perspectiva filosófico-teológica, relacionada à interioridade, à vontade, ao desejo e à busca de Deus; Rodrigues realiza uma análise antropológica do corpo enquanto fenômeno simbólico, social e cultural. O ponto de convergência encontra-se na possibilidade de superar uma compreensão estritamente naturalizada do corpo. Em Agostinho, o corpo é inseparável da experiência interior; em Rodrigues, é inseparável da cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Maringá, que proporcionou o desenvolvimento da pesquisa. A orientadora e coorientadora bem como ao GEEFE, pelo apoio ao desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996. A obra foi originalmente escrita no final do século IV.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. DOI: 10.7476/9788575413739.